

Teatro Nacional de São Carlos

JARDIM ABERTO

As Estações

**TEATRO
SÃO LUÍZ**

**19 JAN 18H30
MÚSICA**



As Estações

PIANO João Paulo Santos **SOPRANOS** Carolina Raposo, Cecília Rodrigues
MEIO-SOPRANO Carolina Figueiredo

As estações do ano servem, desde há muito, como espelhos das emoções humanas. Poucos géneros têm sido capazes de captar esse reflexo como a canção. Este concerto traça um percurso lírico pelo verão, outono, inverno e primavera, revelando como poetas e compositores, de diferentes pontos da Europa, traduziram o ciclo da natureza em música de notável intensidade expressiva.

2 Do calor do verão à renovação primaveril, este programa de câmara junta *mélodie* francesa, *Lied* alemão e canção erudita inglesa, italiana e portuguesa, abrangendo os séculos XIX e XX. Massenet e Duparc evocam a languidez e o êxtase; Schumann, Mendelssohn e Brahms, a introspeção; autores modernos como Eisler remodelam o género segundo novas prioridades expressivas. António Fragoso, Vianna da Motta e Fernando Lopes-Graça introduzem a poesia portuguesa desse diálogo mais vasto entre vultos da cultura europeia. No cerne deste programa de canção erudita está a singularidade do vínculo entre som e palavra, cujo significado poético se constrói a partir do equilíbrio entre a voz e o piano. As estações tornam-se metáforas para o amor, a memória, a perda e a renovação, matizadas através de linguagens musicais contrastantes.

Exclusivamente interpretado por artistas portugueses, este concerto conta com a participação das sopranos Cecília Rodrigues e Carolina Raposo, da meio-soprano Carolina Figueiredo e, ao piano, do maestro João Paulo Santos, cujo empenho tem sido central na recuperação e divulgação do repertório de canção em Portugal.

Da solaridade estival à serenidade primaveril, eis um convite a que o espetador sinta, na poesia e na música, a respiração do próprio tempo.

Programa

VERÃO

JULES MASSENET

(1842-1912)

Matinée d'été

HENRI DUPARC

(1848-1933)

Phidylé

[Leconte de Lisle]

ALEXANDER VON ZEMLINSKY

(1871-1942)

Im Lenz Op. 2 N.º 2

[Paul Heyse]

ALMA MAHLER

(1879-1964)

Laue Somernacht N.º 2 in *5 Lieder*

(Gustav Falke]

ROBERT SCHUMANN

(1810-1856)

Sommerruh WoO 9

[Christian Schäd]

OUTONO

ANTÓNIO FRAGOSO

(1897-1918)

Chanson d'automne

[Paul Verlaine]

RITA STROHL

(1865-1941)

Chanson d'automne N.º 3 in *Dix Poésies*

[Paul Verlaine]

FELIX MENDELSSOHN

(1809-1847)

Herbstlied Op. 63 N.º 4

[Klingemann]

GABRIEL FAURÉ

(1845-1924)

Automne Op. 18 N.º 3

[Armand Silvestre]

EDWARD ELGAR

(1857-1934)

A Song of Autumn

[Adam Lindsay Gordon]

INVERNO

RICHARD STRAUSS

(1864-1949)

Winternacht Op. 15 N. ° 2

[A. F. von Schack]

OTTORINO RESPIGHI

(1879-1936)

Nebbie

[Ada Negri]

DÉODAT DE SÉVERAC

(1872-1921)

Temps de neige

[Henry Gauthier Villars]

HANS EISLER

(1898-1962)

Winterspruch

[Bertolt Brecht]

PRIMAVERA

FERNANDO LOPES-GRAÇA

(1906-1994)

Primavera LG 196; Op. 79

(Afonso Duarte)

JOSÉ VIANNA DA MOTTA

(1868-1948)

Frühlingsregen Op. 3 N. ° 2

(Ludwig August Frankl)

FRANZ SCHUBERT

(1797-1828)

Im Frühling D 882

(Ernst Schulze)

GABRIEL FAURÉ

(1845-1924)

Tristesse Op. 6 N. ° 2

(Théophile Gautier)

GEORGES BIZET

(1838-1875)

Chanson d'avril Op. 21 N. ° 1

(Louis Bouilhet)

JOHANNES BRAHMS

(1833-1897)

Walpurgisnacht Op. 75 N. ° 2

(Willibald Alexis)

HUGO WOLF

(1860-1903)

Er ist's

(Eduard Mörike)

JULES MASSENET

(1842-1912)

Prélude in Poème des Fleurs

JULES MASSENET

Matinée d'été

Le beau matin vient de luire
Vermeil et charmant.
Du fond du vallon gaiment
Monte comme un rire,
Rire d'oiseaux éveillés
Dans les bois feuillés.
Vite, partons vite
Ma petite sœur,
Allons faire une visite
Au matin en fleur.

Plein ta légère corbeille
Il faut rapporter
Des branches de l'églantier
La moisson vermeille ;
Je sauve tes doigts mignons
Des durs aiguillons ;
Tu fais un festin de reine
D'un morceau de pain,
Nous buvons à la fontaine
Au creux de la main.

Vers la chère maisonnette
Quand nous reviendrons
Alors nous sentirons
L'âme tout en fête.
Si trop long est le chemin.
Donne-moi la main :
Nous aurons pour la journée,
Ma petite sœur,
Notre maison parfumée
Comme notre cœur.

Manhã de verão

Acabou de nascer o dia
Delicioso e acobreado.
Do vale alegremente
Sobe como que um riso,
Um riso de pássaros que despertaram
Nos espessos bosques.
Depressa, partamos depressa,
Minha irmãzinha,
Vamos visitar
Esta manhã em flor.

Tens de trazer
A tua leve cesta
Cheia dos vermelhos ramos
Das roseiras-bravas;
Salvarei os teus lindos dedos
Dos duros espinhos;
Farás um festim
Dum pedaço de pão
E beberemos a água da fonte
Na palma da mão.

Quando para a querida casinha
Nós voltarmos,
Então sentiremos
Toda a nossa alma em festa.
Se o caminho te for demasiado longo
Dá-me a tua mão:
Teremos por todo o dia,
Irmãzinha,
A nossa casa perfumada
Tal como o nosso coração.

HENRI DUPARC

Phidylé

L'herbe est molle au soleil sous les frais peupliers,
Aux pentes des sources moussues
Qui, dans les prés en fleur germant par mille issues,
Se perdent sous les noirs halliers.

Repose, ô Phidylé ! Midi sur les feuillages
Rayonne, et t'invite au sommeil.
Par le trèfle et le thym, seules, en plein soleil,
Chantent les abeilles volages.

Un chaud parfum circule aux détours
des sentiers ;
La rouge fleur des blés s'incline ;
Et les oiseaux, rasant de l'aile la colline,
Cherchent l'ombre des églantiers.

Mais quand l'Astre, incliné sur
sa courbe éclatante,
Verra ses ardeurs s'apaiser,
Que ton plus beau sourire et ton meilleur baiser
Me récompensent de l'attente !

Phidylé

A erva é suave para dormir sob os frescos álamos,
Nas encostas das fontes com musgo
Que, nos prados floridos em mil caminhos.
Se perdem entre a densa mata.

Descansa, ó Phidylé! Por entre as folhas
O meio-dia brilha e te convida a dormir.
Por entre rosmaninhos e trevos, ao sol,
Sozinhas as abelhas cantam irrequietas.

Um quente perfume envolve
todos os caminhos;
A vermelha flor do trigo inclina-se;
E os pássaros, em voo rasado pela colina,
Procuram a sombra das roseiras bravas.

Mas, quando o astro, na sua
luminosa curva inclinado,
Verá o seu ardor apaziguado,
Que o teu mais belo sorriso e o teu melhor beijo
Me recompensem pela espera!

ALEXANDER VON ZEMLINSKY

Im Lenz

Im Lenz, im Lenz,
Wenn Veilchen blühn zu Hauf,
Gib acht, gib acht,
Da wachen die Tränen auf.

Im Herbst, im Herbst
Fiel alles Laub vom Baum.
Ach, Lieb' und Glück
Vergangen wie ein Traum!

Gib acht, gib acht,
So ist der Dinge Lauf:
Blumen und Wunden
Brechen im Frühling auf.

No verão

No verão, quando as violetas em molhos
florescem,
Toma cuidado!
É aí que nascem as lágrimas.

No outono
Todas as folhas caem da árvore.
Amor e felicidade
Desvanecem-se como um sonho!

Toma cuidado!
Assim é a vida:
Flores e feridas
É na primavera que despontam.

ALMA MAHLER

Laue Sommernacht

Laue Sommernacht: am Himmel
Stand kein Stern, im weiten Walde
Suchten wir uns tief im Dunkel,
Und wir fanden uns.

Fanden uns im weiten Walde
In der Nacht, der sternenlosen,
Hielten staunend uns im Arme
In der dunklen Nacht.

War nicht unser ganzes Leben
So ein Tappen, so ein Suchen?
Da: In seine Finsternisse
Liebe, fiel Dein Licht.

Tépida noite de verão

Tépida noite de verão: no céu
Nem uma estrela, no amplo bosque,
Procurámo-nos no escuro,
E encontrámo-nos.

Encontrámo-nos no amplo bosque
Na noite sem estrelas,
Admirados, agarramo-nos um ao outro
Na escura noite.

A nossa vida não foi sempre
Às apalpadelas procurar?
E eis que na sua escuridão
Amor, tu nos iluminaste com a tua luz.

ROBERT SCHUMANN

Sommerruh

Sommerruh, wie schön bist du!
Nachtigallenseelen tragen
Ihre weichen süßen Klagen
Sich aus dunkeln Lauben zu.
Sommerruh, wie schön bist du!

Sommerruh, wie schön bist du!
Klare Glockenklänge klingen
Aus der Lüfte lauen Schwingen
Von der mondumblitzten Fluh.
Sommerruh, wie schön bist du!

Sommerruh, wie schön bist du!
Welch ein Leben, himmlisch Weben!
Engel durch die Lüfte schweben
Ihrer blauen Heimat zu.
Sommerruh, wie schön bist du!

Calma de verão

Calma de verão, como és bela!
A alma dos rouxinóis até nós
Faz chegar as suas doces queixas
Por entre escuro arvoredos.

Calma de verão, como és bela!
Límpido tinir de sinos até nós chega,
Trazido pelas tépidas asas do vento,
Através dos campos ao luar.
Calma de verão, como és bela!

Calma de verão, como és bela!
Quanta vida, movimento divinal!
Anjos passam cruzando os ares
A caminho da sua doce pátria.
Calma de verão, como és bela!

ANTÓNIO FRAGOSO RITA STROHL

Chanson d'automne

Les sanglots longs
Des violons
De l'automne
Blessent mon cœur
D'une langueur
Monotone.

12

Tout suffocant
Et blême, quand
Sonne l'heure,
Je me souviens
Des jours anciens
Et je pleure ;

Et je m'en vais
Au vent mauvais
Qui m'emporte
Deçà, delà,
Pareil à la
Feuille morte.

Canção de outono

Os prolongados suspiros
Dos violinos
Do outono
Enchem o meu coração
De um torpor
Monótono.

Sufocando
E pálido, quando
A hora soa,
Recordo
Os dias já passados
E choro;

E assim vou,
Ao sabor de um vento ruim
Que me leva
De cá para lá,
Tal uma
Folha morta.

FELIX MENDELSSOHN

Herbstlied

Ach,
wie so bald verhallet der Reigen,
Wandelt sich Frühling in Winterzeit!
Ach, wie so bald in traures
Schweigen
Wandelt sich alle die Fröhlichkeit!

Bald sind die letzten Klänge verflogen!
Bald sind die letzten Säng' er gezogen!
Bald ist das letzte Grün dahin!
Alle sie wollen heimwärts ziehn!

Ach,
wie so bald verhallet der Reigen,
Wandelt sich Lust in sehnendes Leid.

Wart ihr ein Traum, ihr Liebesgedanken?
Süß wie der Lenz und schnell verweht?
Eines, nur eines will nimmer wanken:
Es ist das Sehnen, das nimmer vergeht.

Ach,
wie so bald verhallet der Reigen!
Ach, wie so bald in traures Schweigen
Wandelt sich alle die
Fröhlichkeit!

Canção de outono

Ai, tão depressa quanto uma alegre música
se perde no ar
Também a primavera se torna inverno!
Ai, como depressa se transforma em silencioso
lamento
Toda a felicidade!

Os últimos sons já expiraram!
Os últimos cantores já se foram!
Em breve os últimos verdes desaparecerão!
Todos querem voar rumo à sua pátria!

Ai, tão depressa quanto uma alegre música
se perde no ar
Também o prazer se transforma em doloroso desejo.

Não passavam de um sonho os pensamentos amorosos
Que, como o doce verão, depressa passaram?
Só algo nunca quer mudar:
O desejo que sempre perdura.

Ai, tão depressa quanto a alegre música se perde no ar
Também a primavera se torna inverno!
Ai, como depressa se transforma em silencioso
lamento
Toda a felicidade!

GABRIEL FAURÉ

Automne

Automne au ciel brumeux,
aux horizons navrants,
Aux rapides couchants, aux aurores pâlies,
Je regarde couler, comme l'eau des torrents,
Tes jours faits de mélancolies.

Sur l'aile du regret mes esprits emportés,
— Comme s'il se pouvait que notre
14 âge renaisse ! —
Parcourent, en rêvant, les coteaux enchantés
Où jadis sourit ma jeunesse.

Je sens, au clair soleil
du souvenir vainqueur,
Refleurir en bouquet les roses déliées
Et monter à mes yeux des larmes,
qu'en mon cœur,
Mes vingt ans avaient oubliées !

Outono

Outono, de céu enevoadado,
de horizontes dolorosos,
De crepúsculos repentinos, de pálidas auroras,
Vejo passar, como a água das torrentes,
Os teus dias feitos de melancolias.

Nas asas da mágoa voa o meu espírito
— Como se fosse possível voltar
atrás no tempo! —
Percorrendo sonhando, as encostas encantadas
Onde em tempos sorriu a minha juventude.

Sinto, iluminado pelo brilhante sol
das recordações vitoriosas,
Voltarem a florir as rosas desfeitas
E subir aos meus olhos as lágrimas
Que no meu coração
Os meus vinte anos tinham esquecido!

EDWARD ELGAR

A Song of Autumn

"Where shall we go for our
garlands glad
At the falling of the year,
When the burnt-up banks are yellow and sad
When the boughs are yellow and sere?

Where are the old ones that once we had,
And where are the new ones near?
What shall we do for our garlands glad
At the falling of the year?"

"Child! can I tell where the
garlands go?
Can I say where the lost
leaves veer?
On the brown-burnt banks,
when the wild winds blow,
When they drift through the
dead-wood drear?

Girl! When the garlands
of next year glow
You may gather again, my dear;
But I go where the last year's
lost leaves go
At the falling of the year."

Canção de outono

«Onde iremos encontrar com que fazer
as nossas grinaldas
Nesta época outonal
Em que os canteiros estão queimados
E os troncos das árvores ressequidos?

Onde estão os que dantes havia
E onde arranjar por perto alguns novos?
Onde iremos encontrar com que fazer
as nossas grinaldas?»

«Rapariga! Como posso dizer-te para
onde as grinaldas foram?
Poderei dizer-te para onde se desviaram
as folhas perdidas?
Para os canteiros queimados
pelo vento selvagem
Ou quando se movem por entre lúgubres
troncos ressequidos?

Rapariga! Quando as grinaldas
no próximo ano florirem
De novo tu as poderás entrelaçar;
Mas eu irei para onde do passado
ano as folhas perdidas foram
Nesta época outonal.»

INVERNO

RICHARD STRAUSS

Winternacht

Mit Regen und Sturmgebrause
Sei mir willkommen, Dezembermond,
Und führ mich den Weg zum traulichen Hause,
Wo meine geliebte Herrin wohnt.

Nie hab' ich die Blüte des Maien,
Den blauenden Himmel,
den blitzenden Tau
16 So fröhlich begrüßt wie heute dein Schneien,
Dein Nebelgebräu und Wolkengrau.

Denn durch das Flockengetriebe,
Schöner, als je der Lenz gelacht,
Leuchtet und blüht der Frühling der Liebe
Mir heimlich nun in der Winternacht.

Noite de inverno

Por entre chuva e tempestades
Sejas bem-vinda, lua de inverno,
E encaminha-me para a aconchegada casa,
Onde a minha amada vive.

As flores de maio,
o céu azul, o orvalho cintilante,
nunca por mim foram tão alegremente saudados
quanto hoje saúdo a tua neve,
O teu céu cinzento e as tuas nuvens.

Pois, por entre os turbilhões dos flocos de neve,
Mais bela do que alguma vez no verão me sorriu,
Agora brilha e sorri a primavera do amor,
Secretamente, nesta noite de inverno.

OTTORINO RESPIGHI

Nebbie

Lontan, lontano
Le nebbie sonnolente
Salgono dal tacente
Piano.

Alto gracchiando, i corvi,
Fidati all'ali nere,
Traversan le brughiere
Torvi.

Dell'aere ai morsi crudi
Gli addolorati tronchi
Offron, pregando, i bronchi
Nudi.

Come ho freddo!... Son sola!
Pel grigio ciel sospinto.
Un gemito d'estinto
Vola.

E mi ripete: Vieni;
È buia la vallata.
O triste, o disamata
Vieni!...

Névoa

Ao longe
A névoa sonolenta
Sobe do silencioso
Chão.

No alto grasnam corvos,
Confiando nas suas negras asas,
Atravessam as balsas
Turvas.

Os troncos nus, dolorosos,
Oferecem, rezando, os seus peitos,
Às dentadas do ar
Cruel.

Como tenho frio!... Estou só;
Um gemido de morto
Passa pelo céu cinzento
Voando.

E repete: Vem;
O vale é escuro.
Ó triste, ó tu que não és amada,
Vem!...

DÉODAT DE SÉVERAC

Temps de neige

Ô l'heure douce ! Ô l'exquise seconde
Où nous restâmes seuls dans le salon frileux !
Le pâle éclat du jour rendait tes yeux
plus bleus
Et de t'aimer déjà je te trouvais plus blonde.
A travers le vitrail fané nous regardions les flocons
Tournoyer le long des avenues ;
Sur la fontaine on aurait dit des papillons,
On aurait dit des lys dans les branches chenues...
Sans le vouloir mes doigts effleurèrent tes doigts,
Et ma bouche effleura ta bouche ;
Et, sortilège !
Ton visage et tes mains devinrent blancs et froids
Comme la neige.

18

Tempo de neve

Doce momento! Delicioso instante
Aquele em que ficámos sós no frio salão!
O pálido brilho do dia tornava os teus olhos
ainda mais azuis
E o meu amor ainda te fazia mais loura.
Através do vitral observávamos os flocos de neve
rodopiar ao longo das avenidas;
Por cima das fontes pareciam borboletas,
Nos velhos troncos pareciam lírios...
Sem querer os meus dedos tocaram os teus
e minha boca a tua;
E, ó milagre!
A tua face e as tuas mãos ficaram frias e brancas
Como a neve.

HANS EISLER

Winterspruch

Der Schnee beginnt zu treiben.
Wer wird denn da bleiben?
Da bleiben wird, morgen wie heut,
Die kalten Steine und die armen Leut'.

Provérbio de Natal

Começou a nevar.
Quem por cá vai ficar?
Cá só vão ficar, tanto hoje como ontem,
As frias estrelas e os pobres.

FERNANDO LOPES-GRAÇA

Primavera

Rescendem de aroma os montes
E, entre rosas e balidos,
Cantam líricas as fontes.
E outros tantos sentidos
Do alvoroço dos sexos
Espalham-se no ar perplexos.

20

Agora que o tempo abre
Não há festa de mais festa
Do que ser flor ou ser ave.
Ser a cor e o chilreio
Onde o céu se manifesta,
Donde a poesia me veio.

E os deuses que andaram cá
Bem souberam o que há:
Pois se o caule se abraça a hera
Queres que abrace ninguém?
Como a terra é esposa e mãe,
Vem de noiva a primavera.

Mas ai flores, tudo flores,
Nas imagens dos altares,
Na poesia e nos amores
E nas pedras tumulares:
Flores me levem ao céu,
Na terra chorarei eu.

Sim, primavera da vida,
Quanta lágrima perdida
Anda debaixo de chão!
— Flores, suor do meu rosto,
Espinhos me dão encosto,
Flores me negam o pão.

Flores, flores olorosas,
A, néctar de urnas discretas,
Cai a abelha de fadiga
No pólen — o pão das rosas,
E é esta sempre a cantiga
Que agrada ao mundo e aos poetas.

JOSÉ VIANNA DA MOTTA

Frühlingsregen

Ich lausche in das mitternächt'ge Schweigen,
Mein Auge wacht-
Es rauscht der Regen in bewegten Zweigen
So heimlich sacht.

Natur weint wieder, voll von süßen Schmerzen,
Sich aus einmal,
Wie eine Jungfrau weint aus tiefem Herzen
In Sehnsuchtsqual.

Doch mit dem Morgen trocknet sie die Tränen,
Ihr Antlitz lacht,
Und Niemand ahnt und weiß dann um ihr Sehnen
In stiller Nacht.

Chuva de primavera

Escuto no silêncio da meia-noite,
O meu olhar vela,
A chuva murmura nos ramos agitados
Tão ao de leve, como em segredo.

A natureza, plena de doces tormentos,
Volta a chorar,
Como o coração de uma donzela chora
Afligido pela saudade.

Mas a manhã, secando-lhe as lágrimas
Fá-la sorrir
E ninguém suspeita nem sabe dos seus anseios,
Nas horas caladas da noite.

FRANZ SCHUBERT

Im Frühling

Still sitz' ich an des Hügels Hang,
Der Himmel ist so klar,
Das Lüftchen spielt im grünen Thal,
Wo ich beim ersten Frühlingsstrahl
Einst, ach, so glücklich war;

Wo ich an ihrer Seite ging
So traulich und so nah,
Und tief im dunkeln Felsenquell
Den schönen Himmel blau und hell,
Und sie im Himmel sah.

Sieh, wie der bunte Frühling schon
Aus Knosp' und Blüthe blickt!
Nicht alle Blüthen sind mir gleich,
Am liebsten pflückt' ich von dem Zweig,
Von welchem sie gepflückt.

Denn Alles ist wie damals noch,
Die Blumen, das Gefild;
Die Sonne scheint nicht minder hell,
Nicht minder freundlich schwimmt im Quell
Das blaue Himmelsbild.

Es wandeln nur sich Will' und Wahn,
Es wechseln Lust und Streit;
Vorüber flieht der Liebe Glück,
Und nur die Liebe bleibt zurück,
Die Lieb' und ach, das Leid!

O wär' ich doch das Vöglein nur
Dort an dem Wiesenhang,
Dann blieb' ich auf den Zweigen hier
Und säng' ein süßes Lied von ihr
Den ganzen Sommer lang.

Na primavera

Em silêncio estou sentado na encosta do outeiro,
O céu está tão luminoso,
Uma aragem percorre o verdejante vale
Em que, em tempos, ao chegar da primavera,
Ai de mim, tão feliz fui;

Quando caminhava ao seu lado,
Tão perto e confiante,
E via na água da fonte da montanha
O céu tão azul e luminoso
E nele também a ela via.

Vê como a colorida primavera
Olha através de rebentos e botões!
Nem todos os rebentos me são iguais.
Prefiro colher alguns do ramo
De onde ela outrora os colheu.

Pois tudo está como outrora,
As flores, os campos;
O sol não brilha menos,
Não menos acolhedor se espelha na fonte
O céu azul.

Só mudam os sonhos e as vontades,
Alternam prazeres e zangas;
A felicidade amorosa já se foi,
E apenas ficou o amor,
O amor, e, ai de mim, a dor!

Quem me dera ser aquele passarinho
Ali na orla do Prado.
Aqui nestes ramos ficaria
Todo o verão a cantar, sobre ela
Uma doce canção.

GABRIEL FAURÉ

Tristesse

24

Avril est de retour,
La première des roses,
De ses lèvres mi-closes,
Rit au premier beau jour,
La terre bien heureuse
S'ouvre et s'épanouit ;
Tout aime, tout jouit.
Hélas ! j'ai dans le cœur
une tristesse affreuse.

Les buveurs en gâité,
Dans leurs chansons vermeilles,
Célèbrent sous les treilles
Le vin et la beauté ;
La musique joyeuse,
Avec leur rire clair
S'éparpille dans l'air.
Hélas ! j'ai dans le cœur
une tristesse affreuse.

En déshabillés blancs
Les jeunes demoiselles
S'en vont sous les tonnelles
Au bras de leur galants ;
La lune langoureuse
Argente leurs baisers
Longuement appuyés,
Hélas ! j'ai dans le cœur
une tristesse affreuse.

Moi, je n'aime plus rien,
Ni l'homme, ni la femme,
Ni mon corps, ni mon âme,
Pas même mon vieux chien.
Allez dire qu'on creuse,
Sous le pâle gazon
Une fosse sans nom.
Hélas ! j'ai dans le cœur
une tristesse affreuse.

Tristeza

Abril voltou,
A primeira rosa,
De lábios semicerrados
Sorri ao primeiro dia de bom tempo,
A terra espade-se e abre-se
De felicidade;
Tudo é amor, tudo é prazer:
Ai de mim! No meu coração trago
uma atroz tristeza.

Sob as latadas
Os homens, bebendo alegremente,
Nas suas fortes canções
Celebram o vinho e a beleza;
Por entre o seu claro riso
A alegre música
Espalha-se pelos ares.
Ai de mim! No meu coração trago
uma atroz tristeza.

Em trajos ligeiros
As jovens raparigas
Vão pelo caramanchão
Pelo braço dos seus amados;
A langorosa lua
Ilumina os seus beijos,
Longos e intensos.
Ai de mim! No meu coração trago
uma atroz tristeza.

Já nada amo,
Nem homem, nem mulher,
Nem o meu corpo ou a minha alma,
Nem sequer o meu velho cão.
Mandem cavar
Na pálida relva
Uma fossa sem nome.
Ai de mim! No meu coração trago
uma atroz tristeza.

GEORGES BIZET

Chanson d'avril

Lève-toi ! lève-toi !
le printemps vient de naître !
Là-bas, sur les vallons, flotte un réseau vermeil !
Tout frissonne au jardin,
tout chante et ta fenêtre,
Comme un regard joyeux, est pleine de soleil !

Du côté des lilas aux touffes violettes,
Mouches et papillons bruissent à la fois,
Et le muguet sauvage,
ébranlant ses clochettes,
A réveillé l'amour endormi dans les bois !

Puisqu'Avril a semé ses marguerites blanches,
Laisse ta mante lourde et ton
manchon frileux,
Déjà l'oiseau t'appelle et tes sœurs
les pervenches
Te souriront dans l'herbe en voyant tes yeux bleus !

Viens, partons ! au matin,
la source est plus limpide ;
N'attendons pas du jour les brûlantes chaleurs ;
Je veux mouiller mes pieds dans la rosée humide,
Et te parler d'amour sous les poiriers en fleurs.

Canção de abril

Levanta-te! levanta-te!
a primavera acaba de nascer!
Lá em baixo, nos vales, paira uma vermelha teia!
No jardim tudo estremece,
tudo canta e a tua janela,
Qual alegre olhar, está cheia de sol!

Do lado dos lilases de tufos violetas,
Moscas e borboletas á vez sussurram,
E os lírios-do-vale,
sacudindo as suas campânulas,
Despertou o amor adormecido nos bosques!

Já que abril semeou as suas brancas margaridas,
Abandona a tua pesada capa e o teu
frioento regalo,
O pássaro por ti chama e as tuas irmãs,
as pervincas,
Vão sorrir ao ver os teus olhos azuis!

Vem, partamos! pela manhã a fonte
é mais límpida;
Não esperemos pelo calor abrasador do dia;
Quero, no húmido orvalho, molhar os meus pés,
E falar-te de amor sob as pereiras em flor.

JOHANNES BRAHMS

Walpurgisnacht

Lieb Mutter, heut Nacht heulte Regen und Wind.
— Ist heute der erste Mai,
liebes Kind!

Lieb Mutter, es donnerte auf
dem Brocken oben.
— Lieb Kind, es waren die Hexen droben.

28 Liebe Mutter, ich möcht' keine Hexen sehn.
— Liebes Kind, es ist wohl schon
oft geschehn.

Liebe Mutter, ob im Dorf wohl Hexen sind?
— Sie sind dir wohl näher,
mein liebes Kind.

Ach Mutter, worauf fliegen die Hexen zum Berg?
— Auf Nebel, auf Rauch,
auf loderndem Werg.

Ach Mutter, was reiten die Hexen beim Spiel?
— Sie reiten, sie reiten den Besenstiel.

Ach Mutter, was fegten im Dorfe die Besen!
— Es sind auch viel Hexen auf'm Berge gewesen.

Ach Mutter, was hat es im Schornstein gekracht.
— Es flog auch wohl Eine hinaus über Nacht.

Ach Mutter, dein Besen war die Nacht nicht
zu Haus.
— Lieb's Kind, so war er zum
Brocken hinaus.

Ach Mutter, dein Bette war leer in der Nacht.
— Deine Mutter hat oben auf dem
Blocksberg gewacht

Noite de Walpurgis

Querida mãe, esta noite uivaram vento e chuva.
— É porque hoje é o primeiro de maio,
minha filha!

Querida mãe, esta noite trovejou
no alto do Brocken.
— Lá no alto estavam as bruxas, minha filha.

Querida mãe, não quero ver nenhuma bruxa.
— Talvez já tenha acontecido mais vezes
do que pensas, minha filha.

Querida mãe, há bruxas na aldeia?
— Talvez até mais perto do que isso,
minha filha.

Ai mãe, como voam as bruxas para o monte?
— Por entre o nevoeiro, o fumo,
em estopa flamejante.

Ai mãe, o que cavalgam as bruxas nessa viagem?
— Cavalgam nos seus paus de vassoura.

Ai mãe, tantas vassouras varriam a aldeia!
— Estiveram muitas bruxas lá na montanha.

Ai mãe, como estremeceu a nossa chaminé.
— Talvez alguma bruxa por lá tenha saído.

Ai mãe, a tua vassoura não estava em casa
ontem à noite.
— Querida filha, então talvez também ela
tenha ido ao Brocken.

Ai mãe, a tua cama estave vazia esta noite.
— Foi porque ontem a tua mãe pernitoitou
no Brocken.

HUGO WOLF

Er ist's

Frühling läßt sein blaues Band
Wieder flattern durch die Lüfte;
Süße, wohlbekannte Düfte
Streifen ahnungsvoll das Land.
Veilchen träumen schon,
Wollen balde kommen.
— Horch, von fern ein leiser Harfenton!
Frühling, ja du bist's!
Dich hab' ich vernommen!

É Ela

De novo a primavera faz esvoaçar
A sua fita azul pelos ares.
Doces, bem conhecidos aromas,
Percorrem em premonição a terra.
Já as violetas sonham,
Em breve aqui estarão.
— Ouve, ao longe o som de uma harpa!
Sim, primavera, és tu!
Já te ouvi!

JULES MASSENET

Prélude

Lançant dans l'air son doux appel,
Le passereau dit aux campagnes,
À la forêt comme aux montagnes :
Il est parti, l'hiver cruel !

L'arbre répond, l'arbre murmure :
Je vois s'ouvrir boutons et fleurs !
Quelle fête dans les couleurs,
Ô printemps, roi de la Nature !
Il est parti l'hiver cruel !

Joyeux refrain, de nids en nids,
Le chant de triomphe s'envole,
Se mêle au bruit de l'onde molle,
Ebranle les cieux infinis.

Dans les taillis, de tige en tige,
Le cri joyeux glisse et descend ;
L'azur emplît le ciel soyeux,
La plaine est verte et tout voltige.
Il est parti l'hiver cruel !

Prélúdio

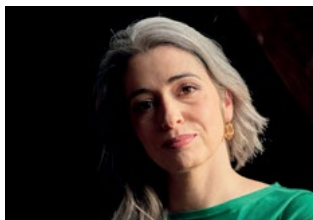
Lançando nos ares o seu doce chamamento
O pássaro diz aos campos,
À floresta e também às montanhas:
O inverno cruel foi-se embora!

A árvore responde, a árvore murmura:
Vejo botões e flores entreabrir-se!
Que festa de cores,
Ó primavera, rainha da Natureza!
O inverno cruel foi-se embora!

De ninho para ninho um alegre refrão,
O canto de triunfo levanta voo,
Mistura-se ao doce ruído das ondas,
Perturba o céu infinito.

Na mata, de ramo para ramo,
O alegre grito escorrega, vai descendo,
O céu sedoso enche-se de azul,
Os prados estão verdes e esvoaçam.
O inverno cruel foi-se embora!

Carolina Raposo SOPRANO



©Fábio Cunha

Nascida na ilha de São Miguel, licenciou-se em canto pela Universidade de Aveiro, sob orientação de Isabel Alcobia e João Lourenço.

Como solista, em oratória, já interpretou *Historia von der Geburt Jesu Christi* de Schütz; *Missa em Fá*, Cantatas 143, 150 e *Magnificat* de Bach; *Membra Jesu Nostri* de Buxtehude; *Magnificat* de Berio; *Stabat Mater* de Pergolesi; *Te Deum* de Marcos Portugal; *Litaniae, Regina Coeli, Missa em Dó, Vesperae Solennes* de Confessore; *Krönungsmesse* de Mozart; *Messias* de Händel e *Il poema della Primavera* de Keil. Distingue-se em ópera com os papéis de Pamina em *A Flauta Mágica*, Frasquita em *Carmen* e Maria na ópera *A casinha de chocolate* de Humperdinck.

Atualmente, é membro do Coro do Teatro Nacional de São Carlos.

Cecília Rodrigues SOPRANO

Cecília Rodrigues destaca-se pela versatilidade estilística do seu extenso repertório e pela elegância e intensidade das suas interpretações. Foi premiada em vários concursos, destacando o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Almada (2015), 1.º Prémio de Canto no Prémio Jovens Músicos — Antena 2 — RTP (2017) e o 1.º Prémio e Prémio do Público no Concurso de Interpretação do Estoril (2022).

Desempenha papéis em Ópera e Oratória com repertório que se estende desde o período Renascentista até ao Contemporâneo nos grandes palcos portugueses.

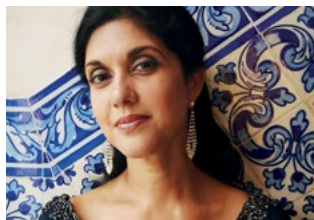
Apresenta-se regularmente em Canção tendo interpretado em recital obras do repertório português, alemão, inglês, francês, espanhol e americano em colaboração com pianistas como David Santos e João Paulo Santos, entre outros. Em concerto sinfónico foi solista na *9.ª Sinfonia* de Beethoven e estreou *Linhagem* de Eurico Carrapatoso.



©DR

Carolina Figueiredo

MEIO-SOPRANO



©DR

Formou-se em canto na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa em 2005, trabalhando presentemente com Joana Siqueira.

Colabora com grandes coros e orquestras nacionais, tendo-se apresentado como solista em grandes obras de repertório nas maiores salas de concerto do país, como a Fundação Gulbenkian, Teatro Nacional de S. Carlos, CCB, sob a direção de Graeme Jenkins, Paul Daniel, Leonardo García Alarcón, Michael Corboz, Joana Carneiro, entre outros maestros.

Participou de diversas produções de ópera no TNSC, Fundação Gulbenkian e Teatro D. Maria II, assumindo, entre outros, os papéis de Myrtale/Albine [*Thaïs*], Mama Lucia [*Cavalleria rusticana*], Larina [*Eugeni Onegin*], Gertrude [*Roméo et Juliette*], Annina [*La traviata*].

Apresenta-se regularmente em recital de música barroca e romântica, sendo convidada igualmente por diversos agrupamentos de música de câmara, como o Ensemble Darcos e Camerata Atlântica, com os quais já se apresentou tanto em Portugal como no estrangeiro. Gravou com os Músicos do Tejo o papel de Nina de *Il frate 'nnamorato* de Pergolesi.

Licenciada em direito e com o Diploma Internacional de Tradução do Chartered Institute of Linguists, Carolina Figueiredo dedica-se em paralelo à área da tradução jurídico-legal.

João Paulo Santos PIANO

Nascido em Lisboa, concluiu o curso superior de piano no Conservatório Nacional desta cidade na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragon e Elizabeth Grummer. Como bolseiro da Fundação Gulbenkian, aperfeiçoou-se em Paris com Aldo Ciccolini (1979-84).

Estreou-se na direção musical em 1990 com *The bear* [W. Walton], encenada por Luis Miguel Cintra. Dirigiu óperas para crianças, musicais, concertos e óperas nas principais salas nacionais. Estreou em Portugal, entre outras, as óperas *Renard* [Stravinski], *Hanjo* [Hosokawa], *Pollicino* [Henze], *Albert Herring* [Britten], *Neues vom Tage* [Hindemith], *Le vin herbé* [Martin] e *The English cat* [Henze] e estreias absolutas de obras de Chagas Rosa, Pinho Vargas, Eurico Carrapatoso e Clotilde Rosa.

É responsável pela investigação, edição e interpretação de obras portuguesas dos séculos XIX e XX. A sua carreira atravessa os últimos 40 anos da história do Teatro Nacional de São Carlos, onde principiou como correpetidor e maestro titular do Coro, desempenhando atualmente as funções de diretor de Estudos Musicais.



©Susana Chicó

PRÓXIMO EVENTO
10 FEV 18H30

Teatro Nacional
de São Carlos

JARDIM ABERTO

As Estações

19 JAN 🎵 **MÚSICA**

Segunda, 18h30

Sala Bernardo Sassetti

Duração: 1h30

Entrada livre sujeita

à lotação da sala

M/6

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Pedro Amaral

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO OPART, E.P.E.

Conceição Amaral [Presidente],

Sofia Meneses [Vogal]

TRADUÇÃO [LETRAS] João Paulo Santos

TEATRO SÃO LUIZ

DIREÇÃO ARTÍSTICA Miguel Loureiro **DIREÇÃO EXECUTIVA** Ana Rita Osório **ADJUNTA DIREÇÃO ARTÍSTICA** Tiza Gonçalves **ADJUNTA DIREÇÃO EXECUTIVA** Soraia Amarelinho **ASSISTENTE DE DIREÇÃO E PROJETOS EUROPEUS** Catarina Ferreira **DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO** Elsa Barão **ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE COMUNICAÇÃO** João Romãozinho **COMUNICAÇÃO DIGITAL** Ana Ferreira **MEDIAÇÃO DE PÚBLICOS** Diana Bento **PROMOÇÃO E ASSESSORIA DE IMPRENSA** Mafalda Simões **DIREÇÃO DE PRODUÇÃO** Mafalda Santos **PRODUÇÃO EXECUTIVA** Maria Beatriz Pinto, Marta Azenha, Sofia Teixeira **DIREÇÃO TÉCNICA** João Nunes [interino] **ADJUNTA DA DIREÇÃO TÉCNICA [INTERINA]** E **COORDENAÇÃO DA DIREÇÃO DE CENA** Marta Pedroso **DIREÇÃO DE CENA** Helena Ribeiro, Lara Canteiro, Maria Tavora, Sara Garrinhas **ASSISTENTE DA DIREÇÃO DE CENA** Cristina Soares **ILUMINAÇÃO** António Sofia, Carlos Tiago, Diogo Zózimo, Ricardo Campos **MAQUINARIA** António Palma, Miguel Rocha, Vasco Ferreira, Vítor Madeira **SOM** Gonçalo Sousa, João Caldeira, Nuno Saias, Rui Lopes **VÍDEO** João Ramos, Melissa Logrado, Sérgio Joaquim **MANUTENÇÃO E SEGURANÇA** Ricardo Joaquim **CAMAREIRA** Rita Talina **BILHETEIRA** Mariana Branco, Marta Saavedra, Pedro Xavier